

Tema do Cartel: **O declínio da Função Paterna.**

Integrantes: **Gisele Mappelli, Joice Otávio Ponce, Lais Braz Xavier, Valdiceia Regina Faust.**

Função mais um: **Madalena Becker Lima.**

## UM SER ÚNICO

*"...é um perverso, um psicótico, um caracterial, um grande fóbico...Como todo mundo, ele é ao mesmo tempo tudo isso e não se enquadra em nenhuma dessas categorias clínicas." Joyce McDougall.*

O interesse pelo tema surgiu a partir de observações relacionadas ao meu dia a dia e de constatações a partir da experiência clínica. Lembro-me de um rapaz de vinte e poucos anos que chega ao consultório, senta-se na poltrona e a primeira frase que diz é: eu não sei bem por que estou aqui doutora, mas uma coisa eu tenho certeza, se eu tivesse tido um pai a minha vida teria sido bem diferente. A partir dessa frase e de escutar da grande maioria dos pacientes a repetição de uma problemática relacionada ao pai, veio a confirmação sobre o meu desejo de estudo. Afinal, sobre qual pai se referia o tal paciente? Qual é o impacto na vida subjetiva de um sujeito ou de uma sociedade de modo geral a existência ou não de uma função, de uma pessoa ou de uma representação social chamada pai?

As mudanças na organização social trouxeram novas formas de sofrimento, principalmente no que se refere a relação do sujeito contemporâneo com a lei. Lacan já advertia sobre os novos tempos e sobre o declínio social da imago paterna.

Em seu texto "Complexos familiares", Lacan anuncia que o patriarcado com o seu correlato de dominação masculina naquela época, perdeu-se na

primeira guerra e desapareceu na segunda guerra mundial e que a psicanálise seria o prêmio de consolação da queda desta dominação.

No livro *O desejo nas mutações familiares e sociais*, Moustapha Safouan e Christian Hoffmann comentam que talvez seja à crise da imago paterna que se deva atribuir o aparecimento da própria psicanálise. A Revolução industrial, o proletariado e a burguesia contribuíram para que o conceito de família se transformasse de fenômeno religioso em fenômeno civil. Assim a psicanálise se fez receptáculo deste declínio.

Portanto o tema sobre o declínio da função ou da imago social paterna já vem sendo observado a muito tempo.

E como Lacan também já nos advertia " o psicanalista deve estar alinhado a subjetividade da sua época". Assim defini o recorte do meu estudo no restrito setting analítico para trabalhar na questão sobre a eficácia e o limite da análise para aqueles casos em que a função do nome do pai de alguma forma fracassou.

Para embasar o meu texto trago o fragmento de uma análise que acompanho por cerca de dois anos.

Trata-se de um "paciente" de 50 e poucos anos, do sexo masculino, morador de uma comunidade da periferia de uma grande metrópole brasileira, que chega até a mim através da plataforma do Psisocial.

M procura ajuda para tratamento psicológico por orientação da sua médica psiquiatra. Muito descrente sobre a eficácia desse tratamento, em função de experiências anteriores, me confessa que é a primeira vez que encontra um profissional que consegue escutá-lo da forma que ele realmente é.

Primeiramente M relata não ter muitas lembranças de seu passado, mas aos poucos vai contando sua história de uma forma que me surpreende pela riqueza de detalhes.

Na primeira infância lembra-se de acordar a noite e ir para o quarto dos pais, porém não lhe era permitido deitar-se na mesma cama que eles, então sentava-se ao pé da cama e ali adormecia cansado de tanto chorar sozinho, onde ficava até o clarear do dia.

Um pouco mais velho, tentava brincar com as crianças da vizinhança, mas não conseguia socializar, não se sentia aceito, agora o seu refúgio era subir em uma árvore para observar tudo lá de cima. Ali com uma visão panorâmica privilegiada, muitas vezes presenciou a "desova" (palavra sua) de corpos, tanto por parte da polícia como por parte dos bandidos.

Adolescente rebelde, sem muitos amigos, se meteu em muitas confusões.

Só lembra de ter recebido a atenção e a companhia do pai quando já com 12 anos de idade começou a acompanhá-lo nos bares para beber. A partir daí iniciou o consumo sem medida de álcool e drogas.

Resgatado por um pastor de uma igreja evangélica, que o levou para casa e o tratou como filho, conseguiu o equilíbrio necessário para continuar a vida.

Aos vinte e poucos anos entrou para o corpo de bombeiro.

Ouvindo atentamente sua história, contada minuciosamente, capítulo por capítulo, foi que em uma sessão ele próprio fez uma retificação, não lembrava de nada de bom do seu passado, mas das coisas ruins lembrava de tudo.

Começo então a perceber o quanto sua constituição psíquica está ligada a dificuldade de subjetivação do corpo, pois ouvindo os relatos da sua experiência como bombeiro onde havia sempre um corpo a ser resgatado, corpos que às vezes já sem vida por muito tempo lhe fazia questionar se aquilo algum dia poderia ter sido um ser humano. Isso me fez pensar naqueles corpos abandonados, o seu da primeira infância, abandonado aos pés da cama dos pais e os que observava do alto da árvore serem desovados próximos da sua

casa, corpos que podem ser de alguma forma representados por esses, que agora, ele como bombeiro poderia recolher.

Em uma outra sessão ele me diz: Não sou psicopata doutora, mas tem coisas que não tenho sentimento, não encontro uma palavra para dizer, é como se na minha mente houvesse uma língua morta que não existe uma tradução para o nosso vocabulário.

Conhecido na corporação como aquele que não tinha medo, que conversava com a morte, relata que sempre que socorria uma pessoa que estava prestes a morrer fazia questão de escutar suas últimas palavras e quando a pessoa lhe perguntava se ia morrer ele simplesmente não conseguia mentir, apenas lhe dizia: seja forte!

Essa relação muito próxima com a morte fica nítida nos seus escritos, pois após 6 meses de acompanhamento, onde concluiu uma sessão dizendo que ele é um ser único, ele resolve começar escrever sobre suas emoções.

E agora quem ficou tocada fui eu, pois constato em seus textos em forma de poema, que esse sujeito tinha ainda muito o que falar. A riqueza do vocabulário e da gramática usada nos seus versos são frutos do seu gosto apurado pela leitura, pois além de ler a bíblia inteira pelo menos uma vez por ano, seus autores preferidos são Dostoiowski e Victor Hugo, dentre outros da literatura clássica.

Após alguns outros escritos ele teve a ideia de que iria organizá-los em forma de um livro e pede autorização para fazer uma dedicatória a mim, pois segundo ele fui a responsável de fazê-lo perceber que era um ser único.

Em uma tentativa de seguir com os estudos M iniciou o curso de Teologia, pois acredita piamente no Deus supremo em um pai todo poderoso, mas não consegue praticar a função de pastor pois não consegue lidar com as regras e as estruturas das instituições.

Apesar de M ter constituído uma família com um casamento que dura até hoje, com duas filhas adultas formadas na universidade e também ter permanecido no corpo de bombeiros até se aposentar, porém com vários afastamentos e internamentos por problemas psiquiátricos (com diagnóstico de esquizofrenia inclusive), ele mesmo percebe que a relação com sua mãe permanece como se ele tivesse apenas 5 anos de idade.

Uma lembrança não sai de sua memória, o dia em que sua mãe trouxe seu sobrinho para morar na sua casa, segundo ele, nesse dia ele ficou órfão. No dia tal, do mês tal de tal ano, sua mãe, pelo menos aquela que ele acreditava ter morreu. Depois disso se sente invadido constantemente por uma angústia de abandono, (separação e perda do objeto), mantendo seu estado de humor numa eterna melancolia.

Em outro momento, já identificando uma certa melhora e razoável estabilidade, se queixa ainda de que cada vez que precisar falar com a mãe a angústia o invade pois desde o dia em que começou a enxergá-la como ela realmente é, sem a idealização e até mesmo uma idolatria que sentia por ela...é como se caísse em um abismo, um poço sem fundo, sem ter onde se amparar para sair de lá.(sic)

Relata um sonho recorrente: Ele dentro de um quarto escuro, com a porta trancada. Acorda sempre gritando pela mãe. Aqui também fica evidente a dificuldade de separação do corpo da mãe, (não sai de dentro desse útero - um corpo para dois)

Não entra em cena a função paterna que poderia ordenar e organizar a unidade de um corpo erógeno, assim não foi possível para ele criar a borda para a construção do seu eu.

Observo a inconsistência do fio que poderia costurar o entrelaçamento dos registros necessários para a constituição de uma neurose, permanecendo num continuum de despedaçamento desse corpo onde o nome do pai não cessa de não se inscrever.

E nesses casos então, em que a função paterna não se inscreve ou se inscreve sem consistência o que pode o analista, na trama transferencial oferecer

Silvia Amigo questiona se tem a mesma eficácia a trama fantasística obtida espontaneamente ao curso da vida e aquela obtida em meio a transferência. Ela acredita que a inscrição que se obtém na trama transferencial não tem a mesma eficácia que a inscrição fundadora em tempos

em que não se estava ainda no momento em que havia prescrito os tempos de escrita. Não é em qualquer momento que se escreve uma letra constitutiva.

Ainda segundo ela, “Não se pode operar a passagem a outra estrutura”, mas dentro da mesma estrutura, a análise realiza operações de escrita e reescrita.

Diferentemente da neurose clássica onde se constata um possível final de análise, nos casos, onde a fantasia se demonstra de uma textura e solidez diferentes, os pacientes costumam buscar e tornar a consultar cada vez que em alguma volta da vida a fantasia é “exigida ao máximo”.

Vou ler agora um dos poemas escritos pelo paciente após alguns meses de análise, onde já é possível observar a passagem do caos inicial para uma certa organização psíquica.

### *Meu Caminho*

A que poderia comparar a vida, senão a um caminho?

Em suas margens, altas árvores foram plantadas ao longo do tempo.

Algumas delas com profundas raízes,

Outras, porém, desprovidas de estabilidade por falta daquelas.

O cultivador não foi o culpado por tal infortúnio,

Mas sim as circunstâncias do solo.

Como cultor, procurei pelas melhores sementes,

Procurei compreender quais seriam as melhores épocas,

Desejei as chuvas que irrigariam a terra,

O sol que produziria a seiva.

Caminhei com pés descalços por esse tão vasto rumo,

Deparei-me com tão grandes pedras, que por ter calcantes nus,

Provocaram tão profundas chagas.

Ah! Como desejei por melhor trilho!

Coube, porém, ao Potentíssimo Senhor deste atalho que assim fosse,

Para semear em minha alma a doçura da mansidão,

A doce melodia de Seu acalanto,  
A suavidade de Sua brandura.  
Agora, já depois de uma longa jornada,  
Me sinto nos braços de Morfeu,  
A cavalgar sem rumo em suas asas,  
E descobrir talvez o sentido,  
De tão dura empreitada,  
Em tamanha agonia!

MRS

31 de dezembro 2021

Durante o tempo de análise houve períodos com forte ideação suicida, tempos de animação com sentimentos de melhoras, tempos de decepção pelas recaídas e finalmente ele próprio observa uma certa constância, confirmada pelas palavras da médica psiquiatra... "você está equilibrado."

Concluindo, entendo que nesse caso é através da análise e da escrita que o paciente vai pouco a pouco escrevendo sua história, tecendo assim uma borda estrutural que possibilitará a criação de uma fantasia que lhe dê a tessitura para sustentar sua divisão desejante, permitindo produzir aí um nome do pai metaforicamente, pois, por ser simbólica a função paterna poderá assim operar.

Curitiba, 06 de maio de 2023.

Valdicéia Regina Faust

## REFERÊNCIAS

AMIGO, Silvia. Clínica dos fracassos da fantasia (1998). Prólogo de Héctor Yankelevich. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007.

FREUD, S. (2010b). O mal-estar na civilização. In S. Freud. Obras completas (P. C. Souza, Trad.) (Vol. 18, pp. 13-122). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930).

LACAN, Jacques. (1938/2003). Os complexos familiares na formação do indivíduo. Ensaio de análise de uma função em psicologia. In: Outros escritos. Trad. Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcos André Vieira; preparação de texto André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1938).

LACAN, J. O seminário. Livro 3: As psicoses (1955-1956). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LEAL, Fernanda Andrade. O pai: Uma função em declínio. Appris, 2019.

Christian Hoffmann, com Moustafá Safouan, O desejo nas mutações familiares e sociais, editado pelo Instituto Langage, São Paulo em 2016.

RECALCATI, Massimo. O complexo de Telêmaco. Âyiné, 2022.